

CAMÕES E A POÉTICA DA UTOPIA NA “ILHA DOS AMORES”

Leodegário A. de Azevedo Filho

(Professor Emérito da UERJ, Titular da UFRJ, Presidente de Honra da ABRASIL,
Acadêmico Brasileiro correspondente da Academia Internacional da
Cultura Portuguesa e da Academia das Ciências de Lisboa)

Talvez se possam indicar cinco proposições teóricas para o conceito de *utopia*, que está muito longe da univocidade, em seu longo percurso histórico e semântico, pois chega a falar-se em utopia, não apenas em Platão, mas também na Idade Média, bem antes da formulação política de T. Morus, no século XVI.

A primeira delas será aqui designada de utopia clássica, já que transparece nos textos literários quinhentistas, refletindo a cultura ática. No caso, o termo *utopia* (criado pelo humanista inglês T. Morus, 1480 – 1535) mantém o seu sentido etimológico de *não lugar* (elementos gregos *ou* e *tópos*), ou seja, o sentido de lugar inexistente. Mas o próprio conceito de *outro lugar*, como lugar que não existe, envolve vários significados, tais como: lugar da alteridade; o não lugar propriamente dito; e o lugar do Outro. Do ponto de vista desejante, é uma concepção afirmativa, pois logo remete ao idílio paradisíaco, ao *locus amoenus*. Propõe-se como acronia e sofre a ação de deslocamento espacial por efeito do maravilhoso pagão. Ela está presente em textos líricos de Quinhentos por influência do espírito do Renascimento, mas não se subordina necessariamente à concepção definida de T. Morus, em seguida apreciada.

Para o criador do termo, com efeito, o conceito de utopia apresenta indispensável caráter político, pois remete a uma concepção de Estado Ideal, projetando-se à margem do tempo. Estado Ideal ou de uma cidade modelar, a exemplo da morusiana *Amaurotum*, devidamente considerada em sua topografia, arquitetura e, sobretudo, em sua estrutura político-econômico-social. Quanto a Camões, acreditamos que não chegou a ler Tomas Morus, pois bem se sabe que não foi extensa (e muito menos intensa) a influência do pensamento morusiano em Portugal de quinhentos. Sendo assim, o primeiro conceito de utopia, na lírica de Camões, liga-se à primeira proposição aqui formulada, ou seja, trata-se apenas de uma utopia amorosa, concebida como sinônimo de fantasia.

Em terceiro lugar, poderíamos considerar a utopia com raiz na profecia barroca. Ela tem, por assim dizer, um caráter messiânico, certamente transportado para a Península Ibérica pelos cristãos novos. Nela, substitui-se a mística do Messias por uma dimensão mítico-política. Com efeito, chega-se aqui a englobar, com o mitema do Encoberto, o pré-sebastianismo das tropas de Bandarra, o sebastianismo de exaltação de que participa o Camões épico e o pós-sebastianismo que envolverá Vieira. No caso, configura-se uma espécie de pré-munição (considerada como herege, na época) da História do Futuro, projetada em nível pancrônico, pois o passado lendário, ao mesmo tempo, é ficção mítica e política do futuro.

Daí se passa para uma quarta proposição, a da utopia negativista, de possível inspiração pós-hegeliana, pelo menos na forma como o marxismo alemão leu a teoria da alienação. Cria-se, assim, a suposição de uma sociedade capaz de atender às necessidades humanas, por ser reparadora do passado, na medida em que projeta e se instala no futuro. Trata-se de uma concepção que altera a melancolia (pois se propõe no presente, a partir da negatividade histórica deste) com a parusia, ou seja, com o mundo das necessidades humanas a ser instalado ou instaurado teleologicamente.

Numa quinta e última proposição, partindo-se de Ernst Bloch e de Karl Mannheim, o último influenciado pelo primeiro, poderíamos admitir uma nova utopia de cunho político e econômico, bem diversa da ideologia que pretendia instalar, aqui e agora, como negação do presente, aquilo que a utopia pós-hegeliana (sempre negativa) só via possível no futuro. Afinal, a diferença quanto à possibilidade de realização disto que será futuro irá distinguir E. Bloch e K. Mannheim do pensamento dos frankfurtianos (modelo alemão de Adorno) e do próprio Hegel. Na verdade, para E. Bloch e para K. Mannheim, a utopia de hoje pode ser a realidade de amanhã, numa espécie de futuro concreto, enquanto para o pensamento frankfurtiano, com seu modelo melancólico de saber, o presente, cuja negatividade tal pensamento encarna e cultua, vai transformar a utopia no lugar do impossível, embora sempre pretendido. Como exemplo, cite-se a indústria cultural, que assinala a decadência do espírito crítico, pois bem se sabe que não vai haver nenhuma saída para o presente, enquanto houver exploração capitalista.

Diante das considerações acima, extremamente resumidas, cremos que apenas se deve falar em utopia na obra camoniana (épica lírica ou dramática) sempre em função das alterações semânticas sofridas pelo termo ao longo do tempo, nunca em sentido morusiano estrito. Nele há utopia amorosa, segundo a concepção do *locus amoenus*, como nele (ou em sua obra literária) há possibilidade de análise vinculada a concepções teóricas dos séculos XIX e XX, na medida em que o conceito de utopia vai adquirir novos significados em autores como Marx, Engels, Ernst Bloch ou Karl Mannheim. E tais significados, realmente novos, são tão legítimos, quanto o sentido morusiano do termo.

Não é exato que sempre fez parte da natureza humana, como algo inato, certa tendência ou certa propensão à utopia?

Falaremos, então, de uma utopia amorosa, como se fala em utopia política, a propósito de vários textos da lírica camoniana. Nela, contrapondo-se ao “desconcerto do mundo” no presente, como se pode ver nas famosas oitavas dirigidas a D. Antônio de Noronha, o Poeta sonha com um *locus amoenus*, que se projeta no futuro, com visão de idílio paradisíaco para configurar a sua utopia desejante e afirmativa, proposta como acronia. Com efeito, na lírica camoniana, o conceito de fantasia, já que o Poeta, diante de uma sequência de paradoxos, que afinal descrevem o desconcerto do mundo, recorre à imaginação e concebe um mundo em que se possa ser verdadeiramente feliz, vivendo uma vida simples, em contato com a natureza, tendo a mulher amada

como companheira, ao lado de bons amigos e lendo bons autores, como Petrarca, Garcilaso e Sannazzaro. Mas o Amor e a Fortuna, e aqui está a presença do maravilhoso pagão, ou dos elementos mítico-simbólicos, se conjuram contra ele, que se encontra apenas no exílio, distante da mulher amada, dos bons amigos e da boa leitura.

Quanto à possibilidade de leitura do episódio da Ilha dos Amores à luz da teoria moderna de Bloch e de Manheim, além do nosso livro intitulado *Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995), sugerimos seja consultado o seguinte texto de Vitor Manuel de Aguiar e Silva: “Imaginação e pensamento utópico no episódio da Ilha dos Amores”, publicado em *Biblos*, vol. LXIV, p. 81-90, 1988, volume dedicado à memória do professor A. J. da Costa Pimpão. E do artigo citado transcrevo a breve conclusão:

Ora bem, o conceito blochiano de *utopia* ajusta-se sem dificuldade ao episódio da Ilha dos Amores. Como não pensar, ao ler o texto camoniano, nas páginas admiráveis que Bloch escreveu, em *Das Prinzip Hoffnung*, sobre a representação das paisagens do desejo na pintura, na ópera e na poesia? Na paisagem esplendorosamente erótica da Ilha, por entre as vívidas cores, os odoríficos pomos e palavras, das músicas e dos cantos sortilégos, os nautas descobrem, para usar as palavras de Bloch, “a paisagem do desejo *ante rem*, a própria mulher como a paisagem que espera.” O desejo e o amor abrem o horizonte da esperança e semeiam o futuro. A *progénie forte e bela*, anunciada por Vênus, será a encarnação da utopia como energia transformadora do ser. (Op. cit. p. 90).

Concluindo, na obra literária de Camões, se é lícito falar-se em utopia amorosa diante de um texto como o das Oitavas aqui referidas, utopia amorosa como sinônimo de fantasia, que leva o Poeta a afastar-se da realidade por força dos desconcertos do mundo e mergulhar no sonho, em busca de um *locus amoenus*, também é lícito pensar, pelo menos diante de um texto como o da *Ilha dos Amores*, numa leitura crítica centrada no discurso teórico de E. Bloch e de K. Manheim. Afinal de contas, Camões é um escritor *intemporal*, porque pertence a todos os tempos.

“Dedico o texto a Eduardo Portella e a Paulo Sérgio Rouanet.”